

Este livro é dedicado a todas as pessoas que acreditam – e lutam, participam, vivenciam – a construção de uma sociedade mais humana, mais igualitária, com maior acesso a tudo, ou seja, mais inclusiva.

Agradeço a Bárbara, a Marina e ao Pedro da vida real e a todos e todas 'personagens' desta escola *legal*, que foram inspirados em minha realidade, e na minha crença, em que TODAS as pessoas devem ter deveres assim como direitos, e acessos iguais para se desenvolverem plenamente e de serem respeitadas nestes direitos. E ao terem direitos, tem deveres de maneira igual. Mais do que serem cidadãos ou indivíduos, são *pessoas*...

O ano letivo começa hoje para as crianças da Escola Caminhar. É a volta às aulas. Os pais preocupados, mas com grande expectativa para mais um ano escolar que inicia na vida de seus filhos e/ou filhas. No rosto das crianças é possível ver que elas são pura alegria, saudades, esperança, e o contato com o ‘novo’ – a escola – e ‘seu mundo’. Os funcionários e as funcionárias, assim como os professores e professoras revelam a expectativa do (re)encontro, esse misto de felicidade e ansiedade, de maneira velada e não deixam transparecer, pois todos e todas devem estar confiantes para o regresso às aulas.

No meio da agitação matinal encontramos Luciano e Bárbara, eles mudaram para a cidade há pouco mais de dois meses e conseguiram ótimas informações sobre a escola. O casal conheceu as instalações, conversaram com a diretora e avaliaram matricular os seus filhos, Marina e Pedro, nela. Marina e Pedro são gêmeos. Marina nasceu primeiro, quinze minutos depois nasceu Pedro, foi um parto difícil como lembra a mãe, mas todas as providências foram tomadas e o ‘milagre’ da vida aconteceu. Bárbara se lembrava de detalhes do nascimento deles e expressava um leve sorriso percebido pelo marido que disse:

_ É meu amor, já se vão nove anos desde a chegada da duplinha, hein?

_ É parece que ontem mesmo eu estava no hospital vendo você “babar” quando os viu pela primeira vez. E agora? Cidade nova, escola nova, crianças novas... Não será demais? Luciano tentando tranquilizar a mulher responde:

_ Meu amor, o novo pode ser proveitoso. Ele só é desconhecido. E é esse desconhecimento que nos leva muitas vezes a ter insegurança. Só isso. Iremos superar. É apenas mais um desafio em nossas vidas, tudo bem?

_ É verdade. Tudo bem. Afinal tínhamos que mudar não é mesmo?

_ Sim, você sabia que o meu trabalho poderia nos levar a uma mudança geográfica não é?

_ Sabia... É fruto dessa globalização e dessa crise econômica que nunca acaba. Ou as empresas vão à falência, ou têm que ampliar o seu campo de atuação para tentar manter seus funcionários. Graças a DEUS, que no nosso caso foi isso. Ampliação da firma, e não demissões em massa.

_ Sim meu amor, você também sabe que eu como gerente de pessoal da empresa poderia ter essa mudança, portanto é encarar o novo e seguir adiante.

Alheios a conversa, Marina e Pedro estavam muito felizes, pois seus pais tinham dito a eles que a escola era uma “Escola Inclusiva”, e eles acharam boa essa idéia de ser “inclusiva”, mesmo sem saber direito o que era.

Toca o sinal da escola. É hora de ir para o trabalho que toda criança deve ter... acesso ao estudo. Após se despedirem de seus pais, Marina e Pedro se encaminham para o pátio interior da escola.

A diretora da escola é a Paula. Ela dá um bom dia a todos os alunos e alunas e pede que formem fila de acordo com a série indicada nos crachás de identificação distribuídos com antecedência. Marina e Pedro formam fila onde a diretora indicou ser o local do 4º ano do ensino fundamental. Ambos estão ansiosos para conhecerem o professor, ou professora, que lhes irá dar aula. Já na fila começam a fazer novos amigos. Pedro conhece Caio, um menino esperto e rápido, que vai logo perguntando:

_ Você é novo na cidade? Por que é novo aqui na escola, não é? Qual o seu nome?

Diante das perguntas diz:

_ Calma. Eu sou novo na cidade e na escola. Meu nome é Pedro e...

_ O meu nome é Caio. Seja bem-vindo na cidade e em nossa escola, Pedro.

_ Obrigado. Acho que vai ser legal estudar aqui.

_ A escola é ótima. Eu adoro. Tem todo tipo de gente, e isso é bem legal.

_ Mas se tem todo tipo de gente deve ter também criança mal educada e brigona, não?

_ Não, não é esse “todo tipo de gente” é todo tipo de gente mesmo!

Marina entra na conversa e pergunta:

_ Mas só tem um tipo de “todo tipo de gente”, né não?

Caio comenta:

_ Hei, vocês se parecem, só que ele é menino e você é menina.

Marina continua:

_ É que somos irmãos gêmeos. Mas você não me respondeu.

Caio emenda:

_ É que não é o “todo tipo de gente” que o seu irmão falou, de modo preconceituoso, como ser mal educado e brigão, mas “todo tipo de gente” conforme a diversidade humana, a realidade vivida ou a compreensão e o entendimento da vida.

_ Estou na mesma. E não acho que meu irmão foi preconceituoso. Disse Marina.

_ É “todo tipo de gente”, ou seja, as pessoas chamadas de “deficientes” ou “C.D.F.’s” ou “maluquinhos”. É “todo tipo de gente”... mesmo! E o Pedro foi preconceituoso porque disse criança mal educada e brigona, como se isso fosse um *defeito* e não um *efeito* da experiência de vida delas. Pedro se justifica:

_ É que eu não gosto de gente mal educada e brigona, só isso.

_ Mas ser mal educado e brigão pode ser uma forma de pedir ajuda, não concorda?
Responde Caio.

Entra na conversa outra colega que estava próxima. Ela se chama Adriana. E fala:

_ É sim. Às vezes a criança não é nem mal educada, nem brigona ela só não está em um dia bom e acaba reagindo desta maneira. Os irmãos perguntam quase ao mesmo tempo:

_ E você? Qual o seu nome? Ela responde:

_ Eu sou a Adriana. E já conheço o Caio desde o 2º ano. Vocês devem estar estranhando porque a nossa escola é uma escola em que toda criança tem o “direito de estudar”. Temos muito orgulho de receber qualquer pessoa, pode ser pessoa com deficiência visual, com deficiência auditiva, com altas habilidades ou superdotação, com deficiência física, com deficiência mental, ou ainda uma pessoa com o chamado transtorno global de desenvolvimento. São as formas de estar no mundo. Tudo isso nos é esclarecido desde cedo aqui na escola. Mas Pedro pergunta:

_ Ué, mas toda a escola não é assim? Não é para todo mundo?

Caio devolve a pergunta:

_ Mas você já reparou quantas escolas realmente aceitam essas crianças?

Marina:

_ Não notei nada de diferente nas crianças.

E Pedro:

_ Nem eu!

Adriana exemplifica:

_ Vejam bem. Ali na fila do 4º ano temos o Fernando, ele usa cadeira de rodas. Estão vendo?

_ Ih, é mesmo, não tinha visto - falou Pedro.

Caio também quer apresentar outros colegas.

_ Ao lado do Fernando temos a Carla, aquela menina loura, estão vendo? Ela não escuta, é surda desde que nasceu.

_ Nossa!! Essa não dava para perceber mesmo - disse Marina.

Caio prossegue:

_ No começo da fila do 3º ano, estão vendo? Tem a Renata, ela tem Síndrome de Down, e aquele menininho ao lado dela é o Carlos Alberto, ele não enxerga, é cego de nascença.

Marina e Pedro se espantaram por não terem percebido, até aquele momento, a diversidade de “todo tipo de gente” da qual Caio havia falado e Adriana confirmara. Estavam surpresos com sua própria falta de atenção. Mas Adriana continua:

_ Em nossa turma temos um aluno que poderia ser considerado “diferente” em outra escola, mas como estudamos juntos desde o 2º ano aprendemos a respeitar e a conviver com as características de cada um. Ali na frente da nossa fila, é o Cláudio. Ele sabe muita coisa. A diretora da nossa escola, a Paula, uma vez comentou com a nossa professora do 1º ano, a Vera Lúcia, que ele poderia ser exigido além de nós, pois era muito esperto e ela achava que ele poderia ser uma pessoa com altas habilidades que depois aprendemos ser uma pessoa superdotada, ou seja, ele tem um desenvolvimento e uma compreensão maior das coisas do que a maioria de nós. É o ‘jeito’ dele... Cláudio que já vinha escutando se apresenta dizendo:

_ Olá a todos! Meu nome é Cláudio. Não pude deixar de escutar a conversa de vocês e tenho uma observação a fazer, se vocês me permitirem.

_ Olá Cláudio - disse Pedro, e Marina emendou:

_ Olá, é claro que você pode fazer a sua observação.

_ O que quero destacar é que é muito bom conviver com a diversidade humana em suas manifestações infantis em nossa escola, e na nossa turma temos também uma pessoa que se encaixa no grupo das pessoas com transtornos globais do desenvolvimento, ela está passando por problemas de aprendizagem fruto de uma perda terrível que ela teve. É a Rosângela. Ano passado, no mês de maio, ela perdeu a mãe que morreu vítima de um ataque cardíaco fulminante e como era muito ligada a ela, desde esse período ela tem estado confusa, com dificuldade para realizar tarefas e um pouco “desligada” da realidade à sua volta. Creio que a perda física da mãe ainda não foi superada, é um processo lento, de assimilação, e mesmo porque ainda é muito recente, e isso vem impedindo um melhor desenvolvimento dela aqui na escola. Aproveito para deixar claro uma coisa. Não sou favorável a essa “classificação” e rotulação das pessoas, mas aqui em nossa escola trabalhamos com os princípios da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva fruto das orientações do Ministério da Educação, mas

igualmente aprendemos que toda criança tem o seu valor independente de seu possível comprometimento, seja ele físico, psicológico, neurológico, social, econômico ou cultural. E quanto à Rosângela, todos nós aguardamos que sua “ferida melhore com o tempo” e ela possa retomar suas atividades da maneira como sempre fez aqui na escola... conosco!

_ Nossa, o Cláudio fala como adulto. Acho que preciso de umas “traduções” do que ele falou - disse Pedro rindo. A diretora Paula interrompe:

_ Bom-dia crianças!

Todos respondem:

_ Bom-dia!

Eu apresento a professora do 4º ano, Maria Angela, ela será a professora de vocês este ano. Maria Angela se aproxima, ela usa uma cadeira de rodas. As crianças que já eram da escola já a conheciam, mas para Marina e Pedro foi uma novidade ter uma professora cadeirante. Ela diz:

_Bom-dia para todos e todas!!!

As crianças respondem:

_Bom dia professora Maria Angela!!

A diretora se afasta e deixa a turma por conta da professora. Ela então convoca seus alunos e alunas para a sala de aula:

_ Crianças, vamos iniciar nossos trabalhos? Vamos pra sala?

_ Sim - respondem as crianças.

_ Então vamos, e Maria Angela dirige-se em direção à sala empurrando sua cadeira.

Caio oferece ajuda:

_ Posso ajudar a empurrar a sua cadeira, professora?

_ Você me faz essa gentileza? - responde Maria Angela.

_ É pra já. Vrumm. Caio faz barulho de carro ao empurrar a cadeira.

_ Não passe do nosso limite de velocidade, hein?!?

_ Pode deixar - responde Caio, que emenda... Vrummmmmmmmmmm.

E todos se dirigem para a sala. Chegam e vão se arrumando para o início das atividades. A professora sabe das duas crianças novas na turma, pois desde o final do ano já mantinha contato com Silvana, professora do 3º ano, e a maioria dos rostinhos já lhe era familiar. Mesmo assim, solicitou a todos os alunos e alunas que se apresentassem. E foi acontecendo cada apresentação, até chegar a vez do Pedro, e foi logo dizendo:

_ Oi pra todo mundo. Meu nome é Pedro. Venho de outra cidade chamada Beirópolis. Estou me acostumando aqui em Santana. Tenho encontrado gente muito e bacana aqui e acho que será muito legal conviver com todos vocês. Em seguida foi a Marina:

_ Olá a todos. Meu nome é Marina. Sou irmã gêmea do Pedro. Também estou gostando muito da cidade e de tudo o que estou vendo até agora. Em especial desta escola. Eu e meu irmão já conhecemos a Adriana, o Caio e o Cláudio porque conversamos com eles antes de entrarmos pra sala de aula. Mas tenho a impressão de que adorarei todos vocês.

Desta maneira todos e todas foram se apresentando. Até que chegou a vez da última aluna. Era a Rosângela. A professora percebendo que ela não queria se apresentar tentou motivá-la dizendo:

_ Não precisa ficar acanhada. É simples. É só você falar o seu nome e o que você espera de si própria e de seus colegas de turma. Ela então com certa dificuldade começou:

_ Meu nome é... Rosângela. E espero... Nesse momento ela começou a chorar compulsivamente. Eu... Eu... e a voz não saía. Maria Angela interveio:

_ Calma Rosângela. Está tudo bem! Aconteceu algo que a aborreceu ou te magoou?

_ Sim - respondeu a menina. E continuou:

_ É que eu não queria me apresentar na frente dos meus novos colegas. Estou com vergonha e não queria, mas a senhora me obrigou. Calmamente, Maria Angela respondeu:

_ Querida Rosângela, não precisa ficar chateada. Além disso, eu não obriguei ninguém a se apresentar, mas pense comigo: Se você estivesse no lugar da Marina e do Pedro e chegasse a uma cidade nova, uma escola nova, uma turma nova, será que você não se sentiria melhor se todas as pessoas com as quais terá de lidar ao longo do ano, e possivelmente muitos anos ainda, se apresentassem e falassem um pouquinho sobre elas. E ao falarem sobre elas não seria legal que você também se apresentasse e falasse um pouco sobre si mesma?

_ Tem razão professora. Mas é que eu fiquei envergonhada - disse Rosângela.

_ Bem, será que você gostaria então de começar de novo ou prefere não fazer?

_ Quero começar de novo - disse a menina.

_ Então pode começar.

_ Olá Pedro e Marina, e olá também a todos os meus colegas e as minhas colegas do ano passado. Meu nome é Rosângela. Gosto de estudar nesta escola e das crianças daqui. Espero que vocês gostem tanto quanto eu. Sejam bem-vindos!!!

_ Muito bem Rosângela! Feitas as apresentações, quero fazer uma pergunta aos recém-chegados Marina e Pedro. Alguma coisa chamou a atenção de vocês em nossa escola ou em nossa turma? Marina se adiantou:

_ Eu observei que na entrada da escola existem rampas, e aqui dentro da escola eu vi em todas as salas essas rampas. Vi também que, nas portas, além de largas, há várias inscrições, umas bolinhas e uns desenhos de mãos, além do número da sala. Por exemplo, na nossa sala há essas três inscrições, mas eu só entendo uma. A que diz: SALA 3. E Pedro completa:

_ Além disso, eu vi que aqui na escola é cheio de caixinhas de som. Igualzinho a essa aqui da sala. E eu e Marina já ficamos sabendo que esta escola trabalha com “todo tipo de gente”, né professora?

_ Muito bem, vocês são bons observadores. Vou esclarecer um pouco as observações de vocês. Primeiro as da Marina. A nossa escola trabalha em uma perspectiva de “inclusão” de todos os alunos e alunas. Isso quer dizer que aqui as coisas acontecem da seguinte forma: todos os pais ou responsáveis que desejam matricular os seus filhos ou filhas na escola são informados de que os seus filhos aprenderão, na teoria e na prática, a conviver com a condição existencial, ou diversidade humana, de todas as crianças. E...Marina adianta comentando:

_ O Caio, a Adriana e o Cláudio já conversaram um pouco comigo e com o meu irmão sobre isso. Sobre “todo tipo de gente” que a escola atende, né?.

_ Isso mesmo Marina. As crianças que já estão conosco há mais tempo já vem convivendo de maneira prática com a condição existencial de cada um, em outras palavras, aqui nós desenvolvemos o respeito à maneira de ser de cada criança e procuramos a comunicação em todas as suas apresentações possíveis. Por isso você observou as “bolinhas” e os “desenhos de mãos” em cada dependência, além da placa informativa da dependência da escola. Essas bolinhas compõem o alfabeto braile e as pessoas que não enxergam, os cegos, ou têm a visão quase totalmente comprometida, se quiserem, podem aprender aqui mesmo na escola, a entender e usar o alfabeto braile, além disso, nós também pensamos nas pessoas que têm um resíduo de visão, a chamada visão sub-normal, por isso todas as inscrições da escola têm um tamanho maior do que o convencional. Mas Pedro quer saber mais:

_ Nossa, não tinha idéia de que as pessoas cegas eram tão “diferentes” e que precisávamos utilizar de outra forma de comunicação. A professora explica:

_ Pedro, eu me equivoquei. O termo mais apropriado para nos referirmos às pessoas com cegueira é pessoa com deficiência visual, embora o que eu penso valer mais a pena é a maneira com que o preconceito se estabelece, ou não, para nos referirmos às pessoas, sejam as ditas normais, sejam as pessoas com qualquer tipo de especificidade, impedimento ou limitação. Mas mais importante ainda, é que você está aprendendo que a comunicação entre todas as pessoas é essencial e faz parte do aprendizado de todos, principalmente quando temos algum impedimento temporário ou definitivo que não está dentro dos padrões ditos “normais”. Maria Angela continua:

_ Aqui na escola nós utilizamos os pontos braile – a professora mostra com as mãos o local dos pontos na sala – que é o nome indicado para nos referirmos à cada uma das “bolinhas”, elas compõem a cela braile que formam o conjunto de seis pontos, esses pontos da cela formam palavras ou números que são evidenciados seja pela visão, seja pelo tato. Outra forma de comunicação são os “desenhos de mãos” que identificam o alfabeto da Libras, Língua Brasileira de Sinais, e que estão colocados também em todos os locais da escola com a igual intenção de promover a autonomia e a igualdade de ‘acesso’ da pessoa com deficiência auditiva. Estes recursos ajudam a promover a igualdade de direitos, a independência, o sentimento de que é possível estabelecer comunicação com todos e todas, além é claro, da própria autonomia da qual eu já mencionei, tudo isso visando a um maior e melhor aprendizado e interação. E todos nós professores e professoras, fazemos uso tanto da Libras, quanto da escrita Braile, para o aprendizado, a comunicação, e conseqüentemente, a educação de todos os alunos e alunas. Marina tem dúvidas e argumenta:

_ Professora, o nome das bolinhas é alfabeto braile e o dos desenhos das mãos é Libras?

_ Exatamente Marina – responde a professora. – E você percebeu que essas bolinhas estão em relevo e são do tamanho de um polegar de adulto? E que os desenhos das mãos que formam a escrita visual de sinais, Libras, têm um tamanho maior do que uma mão de adulto?

_ Quanto às mãos eu reparei que elas eram grandes mesmo - diz Pedro - Mas as bolinhas, quer dizer, os pontos braile, não é isso? – A professora balança a cabeça afirmativamente. – Por que eles estão em tamanho maior?

_ É para que todos possam enxergar melhor. Existe uma Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva do Governo Federal para facilitar o acesso de toda criança com necessidades educacionais especiais e eles estão divididos em três grandes grupos que tentam abordar a pluralidade humana. Esses grupos são constituídos por Altas Habilidades/Superdotação; Transtornos Funcionais Específicos ou Transtornos Globais do Desenvolvimento; e as com algum tipo de limitação ou Deficiências. Essa é uma caracterização que leva em conta os aspectos educacionais e pode auxiliar pais, responsáveis e professores e professoras quanto a situação em que a criança vivencia.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

